

ENTREVISTA

George W. Bush, presidente dos EUA



VISÃO - "Nossa presença na região às vezes é muito silenciosa, mas muito efetiva"

Bush diz que estatismo de Chávez empobrece região

Ao falar ao 'Estado' e a outros 4 veículos latino-americanos, presidente faz crítica direta ao modelo 'bolivariano'

Patrícia Campos Mello
CORRESPONDENTE
WASHINGTON

Brasil e Estados Unidos devem trabalhar juntos para disseminar a tecnologia de etanol na América Latina e reduzir a dependência de petróleo na região. Essa é a mensagem que o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, trará ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva quando chegar ao Brasil. "Reduzir a dependência do petróleo vai aumentar a segurança econômica da região - e nós queremos que nossos amigos e vizinhos sejam prósperos", disse Bush em entrevista ao **Estado** e a outros quatro veículos de comunicação de países incluídos no giro latino-americano que inicia amanhã.

No encontro com os jornalistas, na Casa Branca, o presidente americano aparentou confiança ao falar da viagem, mas deixou entrever que não há só "amigos" hoje na região. Criticou o modelo "bolivariano" do presidente venezuelano, Hugo Chávez, dizendo que leva à pobreza, e fez pouco dos ares de mudança em Cuba. "Acredito firmemente que empresas estatais são ineficientes e vão causar mais pobreza; se o Estado tenta conduzir a economia, ele acaba trazendo mais miséria e reduzindo as oportunidades", disse, numa referência à Venezuela. "Transição não significa mudar de uma figura para outra, mas sim transição de um tipo de governo para um tipo diferente de governo", afirmou, ao falar da substituição de Fidel Castro por seu irmão, Raul.

Em outros momentos, Bush mostrou franqueza incomum em presidentes. "As pessoas não deveriam dar como certo que os Estados Unidos querem fechar acordos de livre-comércio. Na realidade, há um forte protecionismo nos EUA", admitiu, quando questionado sobre as chances de assinar acordo bilateral de comércio na passagem pelo Uruguai. Nessa área, as declarações do presidente americano foram uma ducha de água fria nos uruguaios - e, na mesma medida, uma boa notícia para o presidente Lula, que tem se esforçado para manter o vizinho no Mercosul.

O titular da Casa Branca também não escondeu o estranhamento que sentiu no primeiro contato com o presidente Lula, no Salão Oval. "Não sabia o que esperar quando ele veio", afirmou, observando que a reputação do ex-sindicalista o havia precedido. Hoje, Bush vê em Lula um aliado - inclusive para conter a expansão da influência chavista e fazer avançar a Rodada Doha. Uma vez que o Congresso americano está dificultando a aprovação dos acordos bilaterais de comércio, como os negociados com Panamá, Colômbia e Peru, Bush aposta alto na Rodada Doha. Um avanço na negociação multilateral para discutir o comércio mundial pode inclusive ajudar o presidente a arrancar do Congresso a renovação do chamado "fast track" - mecanismo que permite ao Executivo negociar acordos comerciais sem emendas dos congressistas. "Minhas discussões com o presidente Lula so-

bre a Rodada Doha serão muito importantes. Uma rodada Doha bem-sucedida será o programa de redução de pobreza mais eficiente do mundo."

A seguir, os principais trechos da entrevista com o presidente americano, na qual o **Estado** esteve acompanhado de Daniel Rodríguez, do *El País* (Uruguai), Carlos Galan, do *El Tiempo* (Colômbia), José Díaz-Briseño, do *La Reforma* (México) e Edward Smith, do *Prensa Libre* (Guatemala):

Existe uma percepção de que um dos objetivos de sua viagem à América Latina é estreitar relações com os países considerados amigos dos Estados Unidos. O que o sr. acha da disseminação do chamado modelo alternativo de desenvolvimento, proposto pelo presidente Hugo Chávez, da Venezuela, que prega a nacionalização de empresas e maior interferência do governo na economia? Nesse contexto, qual seria o papel do Brasil na região?
Eu acredito firmemente que empresas estatais são ineficientes e vão levar a mais pobreza. Eu acredito que, se o Estado tenta conduzir a economia, ele acaba trazendo mais miséria e reduzindo as oportunidades. Portanto, os Estados Unidos levam à região uma mensagem de livre mercado e governo aberto.

O objetivo da minha viagem é lembrar ao povo da América Central e da América do Sul que os EUA estão comprometidos com o fortalecimento dos indivíduos, para que eles possam desenvolver o potencial que lhes é dado por Deus. Gostaria de citar algumas estatísticas. Desde que assumi a

... "Acredito que, se o Estado tenta conduzir a economia, acaba trazendo mais miséria e reduzindo as oportunidades"

... "Reconheço que até as pessoas sentirem a melhora em seu bolso haverá frustração com as formas de governo"

... "Um presidente precisa ficar lembrando que a pobreza na vizinhança é problema nosso"

... "Transição não significa mudar de uma figura para outra, mas de um tipo de governo para um tipo diferente"

... "O povo sofrido da ilha deve decidir seu destino, que não deve ser decidido porque alguém é irmão de alguém"

Presidência, a assistência bilateral para a região dobrou, de US\$ 800 milhões para US\$ 1,6 bilhão. Eu digo isso porque é muito importante lembrar à minha população sobre a importância de continuar a ser generoso em nossa vizinhança.

Se você está interessado em paz, você precisa estar interessado em prosperidade e esperança. Nossa presença na região às vezes é muito silenciosa, mas é muito efetiva. E a principal meta da viagem é dizer às pessoas que nós levamos a região e seus problemas muito a sério e temos um bom histórico nisso. Vamos deixar que outros façam a propaganda sobre o que acreditam ser a melhor maneira de agir. Vamos deixar que outros venham e expliquem que seu ponto de vista faz sentido. Tudo o que eu posso dizer é que o sistema de governo e de economia que os EUA promovem é justo.

Agora, eu reconheço que, até as pessoas sentirem a melhora em seu bolso, haverá frustração com as formas de governo. Mas isso não significa que se deva reverter para um modelo que não funciona.

No Uruguai, Chávez vem mantendo uma política de investimentos e assistência financeira. Ele também está indo para a Argentina no mesmo dia em que o sr. estará no Uruguai, para promover protestos em Buenos Aires. O que o sr. acha disso?
Eu vou para muitos lugares onde há protestos. E minha reação é: eu amo a liberdade e o direito de as pessoas se expressarem. Eu trago uma mensagem de boa vontade para o Uruguai e a região, uma mensagem de:

"Vamos achar pontos comuns para trabalharmos juntos". Vocês precisam entender que, num país com tendências isolacionistas como o nosso, onde as pessoas às vezes dizem "isso não é problema meu", um presidente precisa ficar lembrando a todo momento que a pobreza na vizinhança é problema nosso. Então esta viagem me dá a oportunidade de apontar os sucessos e os desafios na região, de maneira que o povo americano continue engajado.

Qual é o papel que países da América Latina, como o Brasil, devem ter na transição democrática em Cuba?

Espero que nós juntos possamos insistir que transição não significa mudar de uma figura para outra, mas, sim, transição de um tipo de governo para um tipo diferente de governo. Essa certamente será a posição dos EUA. Nós acreditamos que o povo cubano deve decidir sobre o seu futuro.

Achamos que o povo sofrido da ilha deve decidir seu destino, que seu destino não deve ser decidido porque alguém é irmão de alguém. Vamos ver quando, quanto tempo ele permanece na Terra, essa é uma decisão que será feita por Deus Todo-Poderoso. Mas, quando isso acontecer - vocês sabem, Fidel Castro pode viver, não sei quanto tempo ele vai viver -, mesmo assim acho que o sistema de governo que ele impôs ao povo não deve sobreviver, se for isso que o povo decidir. ●

➔ A entrevista continua na página seguinte

‘Há um forte protecionismo nos EUA’

Segundo presidente, não se deve dar como certo que seu país quer fechar acordos de livre comércio

WASHINGTON

Qual é a importância do desenvolvimento do mercado de etanol na América Latina, em termos econômicos e geopolíticos? Como essa cooperação vai fortalecer as relações entre Brasil e EUA?

Em primeiro lugar, as relações entre Estados Unidos e Brasil são muito fortes. Eu me lembro do primeiro encontro com o presidente Lula. Ele não sabia o que esperar quando veio ao Salão Oval. E eu, francamente, também não sabia o que esperar quando ele veio. Você sabe, as pessoas têm reputações que as precedem na vida. Apesar disso, depois de passarmos um curto período de tempo juntos, nós nos demos conta de que compartilhamos as mesmas preocupações, particularmente em relação aos pobres. E nós dois representamos países grandes, influentes, e podemos trabalhar juntos para atingir objetivos comuns.

Um desses objetivos é promover os direitos humanos e a lei, a sociedade civil que fortalece os indivíduos. Nós acreditamos que o governo deve prestar contas ao povo e o povo deve ter a última palavra sobre o destino do governo. Nós viemos de tendências políticas diferentes, eu admito. Mas, apesar disso, quando escutamos de forma cuidadosa, achamos objetivos comuns. E isso nos permite trabalhar de forma prática para abordar problemas significativos.

Um desses problemas é o comércio. O presidente Lula e eu vamos falar sobre a Rodada Doha para determinar se podemos ou não fazer as negociações avançarem de uma forma construtiva, que beneficie nossas nações e, igualmente importante, beneficie os pobres do mundo. A melhor maneira de reduzir a pobreza é promovendo prosperidade. E uma maneira de promover prosperidade é estabelecendo um comércio mundial livre e justo.

A outra área é mudar a maneira como usamos energia. Na minha última viagem ao Brasil, fui informado detalhadamente sobre a capacidade do País de usar suas matérias-primas para desenvolver uma grande indústria de etanol. E fiquei impressionado com o progresso feito pelo Brasil. Agora volto ao Brasil com uma forte agenda doméstica para o etanol, por causa dos padrões obrigatórios que eu anunciei, de que os EUA vão consumir 35 bilhões de galões (o equivalente a 132,5 bilhões de litros; o Brasil produz hoje 17,4 bilhões de litros anuais, o equivalente a 13% dessa previsão).



ERIC DRAPER

ENCONTRO - Bush com os jornalistas: “Uma maneira de promover prosperidade é estabelecendo um comércio mundial livre e justo”

Uma conversa com ‘Jorge Dobleve’

...Seu nome é George W. Bush e ele é o presidente mais poderoso do mundo. Mas pode chamá-lo de Jorge, Jorge Dobleve (George W em espanhol). Assim informalmente, levando seu copo de café matinal.

Antes de Bush entrar, um copeiro veio e deixou um copo com água para ele. Só para o presidente. Especulações na sala: será que alguém prova a água antes de ele beber?

Logo Bush chegou, acompanhado de auxiliares, entre eles Stephen Hadley, assessor para Assuntos de Segurança Nacional. Hadley se manteve sério o tempo inteiro. Quando Bush respondeu à pergunta sobre os protestos que serão promovidos por Chávez em Buenos Aires, ele sorriu.

Foram 45 minutos, muitos sorrisos, gestos e incontáveis palavras em espanhol. Bush sorriu até quando veio a “universal pergunta sobre Castro”, como ele chamou a indagação infalível sobre o líder cubano Fidel Castro. “Vamos ver”, disse Bush em espanhol, “quanto tempo ele vai permanecer sobre a terra. Isso é Deus Todo-Poderoso quem vai decidir.” ● P.C.M.

Antes de Bush entrar, um copeiro veio e deixou um copo com água para ele. Só para o presidente. Especulações na sala: será que alguém prova a água antes de ele beber?

Logo Bush chegou, acompanhado de auxiliares, entre eles Stephen Hadley, assessor para Assuntos de Segurança Nacional. Hadley se manteve sério o tempo inteiro. Quando Bush respondeu à pergunta sobre os protestos que serão promovidos por Chávez em Buenos Aires, ele sorriu.

Foram 45 minutos, muitos sorrisos, gestos e incontáveis palavras em espanhol. Bush sorriu até quando veio a “universal pergunta sobre Castro”, como ele chamou a indagação infalível sobre o líder cubano Fidel Castro. “Vamos ver”, disse Bush em espanhol, “quanto tempo ele vai permanecer sobre a terra. Isso é Deus Todo-Poderoso quem vai decidir.” ● P.C.M.

As implicações políticas disso são profundas, porque nós vamos nos tornar menos dependentes de petróleo, o que é bom para a segurança nacional, e isso nos ajudará a sermos bons representantes do meio ambiente. Eu acredito que os EUA e o Brasil podem trabalhar juntos para compartilhar tecnologia com outros países da região, tornando-os menos dependentes de petróleo. Isso é importante porque a dependência do petróleo expõe as economias aos caprichos do mercado. Se a demanda da China continuar crescendo e não houver elevação correspondente na oferta mundial, isso afetará a habilidade das pessoas da América Latina de guardarem dinheiro, porque o preço da gasolina subirá. Portanto, reduzir a dependência do petróleo vai aumentar a segurança econômica da região. E a prosperidade da região é importante para os EUA: queremos que nossos amigos e vizinhos sejam prósperos.

Recentemente, o Uruguai e os Estados Unidos assinaram um acordo-quadro de investimentos e comércio. O sr. acredita que os dois países podem avan-

çar para um acordo de livre comércio? Isso levando-se em conta que, dentro do governo uruguaio, há divergências sobre o assunto e o presidente Tabaré Vázquez disse há alguns dias, em um discurso, que seu governo é antiimperialista....

Antiimperialista? Que bom. Espero que ele defina meu governo como pró-liberdade. Mas voltando ao tema do comércio: em primeiro lugar, há divergências dentro do meu próprio governo. As pessoas não deveriam dar como certo que os EUA querem fechar acordos de livre comércio. Na realidade, há um forte protecionismo nos EUA. Então, vou ao Uruguai como forte defensor do comércio, mas entendendo que há sensibilidades locais. Portanto, espero que consigamos manter o que tem sido uma relação construtiva com o Uruguai, sem pressionar muito além do que é politicamente factível. Em relação às descrições dos EUA, quero lembrar ao presidente que nosso país é generoso, clemente e que acredita na paz. Mas nós nos protegemos de ataques e acredito que o inimigo quer voltar a atacar a América. ● PATRÍCIA CAMPOS MELLO, CORRESPONDENTE

... “Lula não sabia o que esperar quando veio ao Salão Oval. E eu também não sabia o que esperar quando ele veio”

... “Nós dois representamos países influentes e podemos trabalhar juntos para atingir objetivos comuns”

... “Lula e eu vamos falar sobre a Rodada Doha para determinar se as negociações podem avançar”

... “Demanda da China por petróleo pode afetar a habilidade das pessoas da AL de guardar dinheiro”

... “Prosperidade da região é importante para nós: queremos que nossos amigos e vizinhos sejam prósperos”

... “Os EUA e o Brasil podem trabalhar juntos para compartilhar tecnologia com países da região”

... “Não deveriam dar como certo que os EUA querem fechar acordos de livre comércio. Há forte protecionismo”

... “Espero manter relação construtiva com o Uruguai, sem pressionar além do politicamente factível”

... “Nós nos protegemos de ataques e acredito que o inimigo quer voltar a atacar a América”